

SUSTENTABILIDADE: AGREGANDO VALOR PARA EMPRESA E COMUNIDADE

Anderson Ferreira dos Santos
(Acadêmico do 4ºano de administração– AEMS)

Ângela de Souza Brasil
(Docente Esp. das Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS)

Edmilson do Nascimento Soares
(Acadêmico do 4ºano de administração– AEMS)

Ozéias da Silva Xavier
(Acadêmico do 4ºano de administração das Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS)

RESUMO

Em virtude de grandes problemáticas que as empresas, organizações e comunidades diversas enfrentam para usufruir dos mesmos recursos naturais, hoje se encontram em grande embate para alcançar o equilíbrio para se manter vivas como organismos que não só reproduzem a sua história, mas as criam com desejo de sempre melhorar mesmo que de forma errada. As conferências internacionais vieram para trazer uma resposta e chegaram ao resultado da sustentabilidade como o ponto de equilíbrio para agregar valor ao grande conglomerado de seres humanos e suas complexidades organizacionais, empresariais e comunitárias. Em prática a sustentabilidade deverá repercutir por algum tempo não como um simples modismo, mas uma ação inovadora de como construir um mundo mais equilibrado em ações que promovam a vida.

Palavras-chaves: Comunidades; Empresas; Equilíbrio; Recursos naturais; Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

Nunca na história da humanidade manifestou o interesse sobre os assuntos sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, consumo consciente quanto ao século atual. Crises internacionais, ambientalistas, governos, comunidades e empresas estão tomando para si cada vez mais o interesse sobre os meios sustentáveis de produzir, consumir, conservar e reutilizar aquilo que um dia pode faltar.

A grande problemática da sustentabilidade é interagir lucros sustentáveis e qualidade de vida sustentável a comunidade a qual uma empresa esta inserida. Entretanto iniciado na década de 70 as conferências internacionais a respeito de se adquirir uma consciência socioambiental tem se proliferado tanto a governos como a organizações não governamentais e empresas privadas, preocupando principalmente em adquirir ferramentas que convirjam em ações sustentáveis.

Com intenção de agregar valores para empresas e comunidades nos dias de hoje será necessário trabalhar as atividades de produção e de consumo, pois esses são os grandes carros chefes de equilíbrio das dimensões da sustentabilidade, e para que haja equidade existe uma variedade de ferramentas e certificações que contribuem para um propósito ou objetivo comum tanto às organizações governamentais, não governamentais, empresas privadas e a comunidades em geral.

O século XX foi marcado com grandes revoluções, realizações, guerras e lutas de diversos grupos no ideal de igualdade, direitos, preservação da diversidade cultural e ambiental. Um século marcado de tristezas e decepções; porém um sonho, uma esperança e um propósito, recomeçar de maneira certa e humanística. O atual século XXI tem a incumbência de realizar e expandir esse propósito agregando valor tanto as comunidades como as empresas socioambientais legitimamente corretas.

O objetivo geral deste trabalho é de entender a sustentabilidade como meio de agregar valor a empresas e organizações e as comunidades que fazem parte do contexto de transformação da história. E os objetivos específicos é enfocar os pilares da sustentabilidade e discorrer sobre eles no que se diz respeito ao equilíbrio, exploração, e conservação dos recursos naturais que se utiliza para transformação de matéria-prima e posteriormente produto para consumo, e quais ocorrências tem sido confrontada pelas pessoas, governos e organizações.

A metodologia empregada neste trabalho foi estruturada em duas partes:

A primeira foi através de levantamento bibliográfico feito estudo em bibliografias pertinentes ao tema proposto, bem como o levantamento de dados em artigos, revistas periódicas e compêndios de sustentabilidade que margeiem o tema proposto, levando em consideração os registros estatísticos, documental, ou ainda comunicações parciais.

A segunda parte foi feita Investigação de Campo, para se entender melhor a respeito do tema proposto, a saída de campo teve como intuito de investigar *in loco* procedimentos, bem como os mecanismos de desenvolvimento de ações do tema proposto. A saída de campo foi necessária, pois esclareceu dúvidas que muito das vezes não possa ser dirimidas pelo estudo de acervos bibliográficos e ainda quando possível serviu para complementar a pesquisa.

O tipo de pesquisa trabalhada é descritiva, pois como esclarece Vergara (2009, p. 42) “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno”. Ainda em conjunto com a investigação explicativa Vergara (2009, p. 42) explica que “a investigação explicativa tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar lhes os motivos”.

O instrumento de coleta de dados para averiguação é formulário que foi formulado para atender as necessidades básicas da pesquisa. Todos os resultados obtidos em forma de dados brutos foram analisados e interpretados através de análise referenciando as bibliografias consultadas.

1 SUSTENTABILIDADE: AGREGANDO VALOR PARA EMPRESAS

O cenário econômico mundial se reinventa na respectiva de mover o mercado aquecido e sempre com uma vantagem de lucrar, faturar e principalmente explorar, parece que essa pratica sempre foi condicionado ao homem; mas a bem da verdade desde a crise de 1929 tem se criado medidas mais preventivas delimitadoras para evitar certo blecaute no mercado econômico mundial.

Entretanto, em 2008, outra crise se alastrou no mercado econômico e medidas imperiosas dos governos foram utilizadas para que o setor econômico não sofresse maiores impactos e fosse à bancarrota.

Assim se não houvesse a intervenção do governo com os grandes pacotes e delimitações talvez fosse maior a grande dificuldade de reabilitar a economia a um funcionamento tolerável; as consequências seriam conforme descreve Mazzucchelli (2008, p. 57) “a profundidade da crise que assola parte significativa do sistema financeiro mundial provocara, certamente, impactos, sobre a evolução dos agregados econômicos reais (produção, investimento, emprego etc.)”.

A crise internacional de 2008 revelou como realmente é necessário repensar a forma de gestão de nossos negócios na observação da injustiça social e

o desequilíbrio ecológico. Alegria (2009, p. 08) confirma essa ideia da seguinte maneira:

Na ocasião, o sistema financeiro internacional já estava indicando a necessidade de uma reforma radical e desafiava os mais atentos observadores em sua capacidade de explicar os porquês de tanta injustiça social e desequilíbrio ecológico.

O choque de consciência foi necessário e é preciso aplicar algumas ações de desenvolvimento citadas por Alegria (2009, p. 08):

Na reinvenção do capitalismo ou na criação de novos sistemas econômicos, impelidos por essa crise profunda de 2008 [...] as oportunidades que se apresentam são imensas e inúmeras: desenvolvimento local, moedas alternativas, inclusão do intangível nos orçamentos públicos, contabilização dos ativos ecológicos, a força da economia criativa, a vantagem cooperativa, o capital humano, a quebra de patentes e fronteiras do conhecimento, o acesso às novas tecnologias de informação, a reavaliação do que é riqueza e a exaustão do hiperconsumismo.

Empresas sempre atribuíram valores a produtos, a marca, ou a serviços. Entretanto os consumidores, os governos, organizações não governamentais apelam para a consciência ambiental das mesmas; empresas terão que atribuir em seu perfil essa consciência se ainda deseja permanecer no mercado no qual hoje a maior parte deste é feita por clientes exigentes em atitudes que corroboram em sustentabilidade.

O desafio de implantar novos projetos que incluam a comunidade e o meio ambiente é hoje desafiador e promissor para rentabilidade e ganho com a imagem da empresa. Mas essa é uma alternativa inovadora e sustentável que será o grande potencial econômico de toda sociedade; todo projeto seja ele privado, governamental ou não, será necessário partir do ponto de equilíbrio da sustentabilidade para ele ter valia no sentido de exploração conservatória.

Um exemplo simples, mas objetivo é do extinto banco Real que foi o precursor de medidas sustentáveis no seio do movimento econômico financeiro brasileiro, começou a utilizar papéis reciclados na confecção de talões de cheques para clientes especiais, sendo essa sua primeira ação. Em um segundo momento, houve a substituição de 30% de todo consumo de papel utilizado pela empresa no Brasil. Sendo que na etapa seguinte atingiu 80% e definindo a próxima para chegar aos 95% / 100% do consumo, segundo seu diretor de marketing, Sr. Marcos – 2002.

Esse exemplo foi acompanhado com um questionário que resultou em resposta: Difusão sobre a conservação do meio ambiente para com os

colaboradores fornecedores e clientes agregando entendimento, reconhecimento e fortalecimento do público envolvido, apesar de confrontar com o novo foram superadas as dificuldades com o papel reciclado melhorando a aparência e o cheiro deste tendo aprovação da ideia. O retorno dessa ação levou a uma conscientização e disseminação da ideia aos clientes e fornecedores que posicionou positivamente a atribuir tais praticas em seus negócios.

Outro exemplo reportado pela Maximino (2012, p.90-91) é de um americano, Blake Micoskie, que resolveu criar uma empresa de calçados a Toms Shoes, mas com um diferencial social, para cada par de calçado vendido outro é doado. É marketing social que resultou na distribuição nos primeiro cinco anos em um milhão de calçados, a ideia é boa e sua pratica melhor ainda o envolvimento do cliente na compra do calçado é o sentimento de estar fazendo algo por si mesmo e pelo outro.

Os exemplos citados anteriormente foram para reforçar a ideia de que os projetos, os negócios, o mercado mundial estará trabalhando com o ponto de equilíbrio da sustentabilidade que ao mesmo tempo será um indicador que propiciará ao gestor a moldar objetivos e metas que comunguem com as dimensões econômica, social, ambiental e cultural.

Entretanto, a evolução tecnológica e o aquecimento do mercado em relação ao consumo, de produtos principalmente os tecnológicos se tornam obsoletos em um curto espaço de tempo, com uma vida útil muito reduzida e com a constante necessidade do mercado em estar atualizado com as novas tendências, é geradom grande volume de lixo residual que em sua maioria não é separado adequadamente e destinado de modo a haver uma logística reversa onde os materiais podem ser reciclados diminuindo a superlotação dos aterros sanitários, e pior da contaminação do solo, matas e mananciais. Segundo Günther (2009, p.212):

Dessa forma, a minimização de resíduos, que engloba as etapas de redução na fonte, reciclagem e tratamento, com sua posterior disposição final adequada, pode ser considerada como uma estratégia preventiva para a questão dos resíduos sólidos. É uma estratégia que visa reduzir a quantidade e toxicidade dos resíduos antes de sua colocação no solo, com a finalidade de diminuir os eventos de poluição, consequentemente reduzindo o risco sanitário e ambiental, melhorando o nível de qualidade de vida e o estado de saúde das populações.

Este problema vem se arrastando desde a revolução industrial onde o trabalho artesanal deu espaço as linhas de produção industrializadas em larga escala, com isso aumentou não só apenas o uso dos recursos naturais, mas

também a emissão de poluentes como o CO² entre outros, e posteriormente foi agravado pelo descarte inadequado dos produtos que não mais eram úteis.

Cada vez mais com o passar do tempo os produtos vem sendo mais descartáveis, ou seja, antigamente os produtos apresentavam problemas diversos, mas eram mandados para o conserto e assistência técnica para ser usado o maior tempo possível, hoje cada vez mais os produtos vêm sendo substituídos rapidamente, gerando lixo e resíduos, os próprios fabricantes com o aumento tecnológico vem produzindo produtos mais confortáveis, leves, acessíveis, mas com isso menos resistente e com um custo caro de reparo, o que leva o consumidor preferir trocar o produto a conserta-lo.

O conceito clássico de sustentabilidade antigamente tendia a um protecionismo extremista do meio ambiente de forma contraditória ao capitalismo, com a evolução das organizações e da sociedade em si a sustentabilidade passa por uma transformação no seu conceito para um equilíbrio, ou seja, uma educação ambiental das empresas e sociedade.

Com a globalização a conservação do meio ambiente vem sendo discutida nas mais diversas áreas desde universidades até encontros internacionais onde são traçado metas para redução na emissão de CO² entre outros, as indústrias e governo tem investido cada vez mais em fontes renováveis de energia.

Na atualidade não é esperado apenas pela boa vontade das organizações, hoje as leis estão se adequando para uma era sustentável conforme explica Rivelli (2009, p. 292):

Criou o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) – art. 6º, inc. II, e art. 8º -, cuja finalidade é assessorar, estudar e propor ao conselho de Governo diretrizes de políticas governamentais para o meio ambiente e os recursos naturais e deliberar no âmbito de sua competência sobre normas e padrões compatíveis com o meio ambiente ecologicamente equilibrado e essencial à sadia qualidade de vida. Compete, ainda ao CONAMA estabelecer normas e padrões gerais que poderão ser suplementados pelos Estados (Constituição Federal – art. 24, §1º e 2º).x

Entende-se que isso traça novos rumos compulsórios para as indústrias onde as mesmas principalmente os que geram resíduos agressivos ao meio ambiente estarão delimitados pelas normas ditadas pelo CONAMA e será penalizada se houver irregularidades que seja prejudicial à comunidade e a natureza.

Em favor disso a sociedade vem sendo incentivada aos poucos através de alguns veículos de comunicação a exercer a coleta e a estar reciclando e comprando produtos de empresas que investem na preservação do meio ambiente e

que de alguma forma retornam benefícios à sociedade através da preservação do meio ambiente agregando valor para as empresas que produzem com as especificidades da sustentabilidade.

2 SUSTENTABILIDADE: AGREGANDO VALOR PARA COMUNIDADE

Quando se pensa na evolução histórica do homem no meio ambiente, para surpresa, temos de voltar o pensamento na pré-história, pois foi por lá que tudo começou. Diferente dos animais que delimitam seus territórios fixos ou temporários, de acordo com seus instintos de sobrevivência, os seres humanos agem por astúcia e inteligência nessa demarcação.

Ao agirem assim, tornam-se os únicos seres vivos capazes de sobreviver em qualquer parte do globo terrestre. Pode ser no frio do polo sul ou no calor dos desertos, nas florestas, em áreas alagadas, embaixo da terra ou no ar e mar, pois eles demonstram excelente capacidade de adaptarem ao ambiente que pretende se inserir.

Ainda pela sua capacidade intelectual e pela sua insistente exposição em todos os pontos cardeais, observa-se que não tem um predador natural, o que é muito raro no mundo animal. O seu intelecto o levou a criar armas, armadilhas e ainda agirem em grupo ou comunidade para combater e abater animais de maior força física, maiores e mais rápidos, tanto para sua segurança quanto pela cadeia alimentar.

No entanto a partir desse conhecimento, percebe-se de forma clara a integração homem versus meio ambiente, pois as armas e armadilhas eram feitas de madeira, pedras e cipós, sendo que para manterem-se agrupados, mais uma vez utilizavam-se dos mesmos objetos para fazerem suas moradias, mesmo porque, nesse estágio da evolução, as cavernas estavam ultrapassadas pelas suas necessidades.

Conforme os grupos cresciam tornavam-se comunidade e com eles aumentavam suas necessidades básicas, tais como: água, alimento, moradia, roupa, etc., praticando desse modo a primeira forma de exploração dos recursos que obtinham da natureza e compartilhava-lo de forma que todos da comunidade tivessem acesso a eles.

Naquela época, a capacidade de planejamento e administração já existia, porém, só não tinham o conhecimento que assim o era. A escolha estratégica de lugares para fazerem acampamento perto de rios, florestas e montanhas para protegerem dos ventos fortes e de frio, proporcionando maior segurança no grupo.

Entretanto provocou um crescimento populacional significativo, causando ajustamento por essa segurança e conforto ora apresentados. Com a vida mais tranquila, começaram a criar animais domésticos e deu início ao plantio de sementes, o que fica registrado como uma das primeiras formas de reposição ao meio ambiente.

A modernidade formou grupos mais numerosos e exigentes, provocando mudanças comportamentais, culturais, morais e de consumo; conforme expressa Dias, *apud* Marx (2011, p. 03): “atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica em sua própria natureza.”.

A princípio as necessidades de consumo eram atendidas de forma simples e básica, e naturalmente foram se modificando a medida que os trabalhadores assimilavam mais ideias de transformação para uma criação sua ou de favorecimento e atendimento ao seu cliente.

De forma sistemática e consistente, Dias (2011, p. 03) afirma que “desse modo, o trabalho humano, em sua essência, tem como objetivo maior a manutenção da espécie humana no ambiente natural, melhorando as suas condições de existência, ou seja, a sua qualidade de vida.”.

As produções que ocorriam em pequenas escalas, sofreram uma alavancagem agressiva no século XVIII com a Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Científica Tecnológica. Embora fosse cercada de alta produtividade, também foi cercada de alta irracionalidade devido ao uso indiscriminado de recursos naturais, o que afeta nos dias de hoje.

Na década de 70 exigiu-se maior reflexão no uso da natureza, para que houvesse maior preocupação de não danificá-lo em uso da exploração. Vale ressaltar que na década 50 e 60 já existiam ações pontuais, quanto ao processo de deterioração ambiental e a possibilidade de esgotamento de determinados recursos naturais, um índice agravante e contínuo de toda sociedade hoje.

Dias (2011) enfatiza um visionário, nos primórdios da industrialização economista inglês, Thomas Robert Malthus (1766 – 1834), publicou um trabalho denominado: Ensaio Sobre a População, citando, como afetaria o futuro progresso

da humanidade (1798), sistematizando um conjunto de preocupação que apontava para os problemas decorrentes do aumento populacional e para as possibilidades de esgotamento dos recursos naturais e seus reflexos no crescimento econômico.

Agregando destaque ao crescimento populacional, Dias, *apud* Malthus (2011, p. 07) afirmava que: “O poder da população é infinitamente maior que o da terra para produzir a subsistência do homem”. A população mundial teve o crescimento multiplicado após o século XVIII com as grandes instalações fabris, constituindo o imperialismo do capitalismo onde a produção em longa escala o consumo exacerbado deram origem a grandes problemas sociais, culturais, ambiental e econômico.

Porém no cenário atual países desenvolvidos com rigorosas políticas no que diz respeito à preservação do planeta e de recursos naturais, embasado em três pilares do consumo racional que é o de reduzir, reutilizar e reciclar tem forçado os países produtores de matéria prima a seguir tais políticas por meio de certificações.

Outros fatores são os incentivos a novas tecnologias tais como combustíveis de fontes renováveis e equipamentos que consumam menos com maior rendimento conforme Dias (2011, p. 33) ressalta: “Essa nova realidade implica numa radical mudança de atitude por parte das organizações do setor privado e público da economia, que tem cada vez mais de levar a opinião pública quando se trata de questões ambientais”.

Neste novo modelo de sociedade o marketing verde ganha destaque valorizando produtos diante dos consumidores que respeita e preserva o e meio ambiente. Contudo o que falta evoluir é a disseminação desse novo modelo de sociedade nos países em desenvolvimento sem tal consciência cultural, social, ambiental e econômica não agregara valor a comunidade.

A sustentabilidade para grandes países produtores como o Brasil que possuem parques tecnológicos com foco no mercado exterior opõe-se com a taxa de analfabetismo e pobreza ainda existente. Isso pode causar em médio prazo uma estagnação no desenvolvimento do país em relação a outros países em desenvolvimento que tem investido fortemente na educação e no desenvolvimento socioambiental que reflete diretamente na economia do país agregando valor principalmente a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verificado nos pilares da sustentabilidade “econômica, social, ambiental e cultural” problemas com real interesse de solução que vem atravessando décadas de planejamento, projetos e ações que visam chegar a um equilíbrio sustentável para o governo, empresas, ONG’s e comunidade. São traçado alguns problemas nos pilares a seguir:

Problemas sociais: Parte da população mundial ainda continua em falta de alimento devido não a condições de infertilidade do solo ou por uma intempérie da natureza, mas sim pelas condições econômicas que as impelem de consumir pelo menos alimentos. Em contra partida outras partes do globo terrestre pessoas usufruíam demasiadamente de todo e qualquer tipo de recursos causando instabilidade, desequilíbrio e desigualdade social.

Problemas culturais: Adquirido com os que podem e os que não podem; as diferenças de credo religioso, estilos musicais, usos e costumes, continuam sendo uns dos problemas da falta de tolerância do ser humano com aquilo que ela acha ser superior ao outro. A difusão da mulher a escola e ao trabalho em países do oriente médio e parte da Ásia, maior liberdade de expressão, essas coisas ainda são temas de problemas culturais de uma sociedade que está desestruturada em sustentabilidade e não consegue enxergar um horizonte um futuro.

Problemas ambientais: Já começou com pessoas saindo dos campos para as cidades aumentando a quantidade de pessoas por metros quadrados, maior consumo dos recursos naturais, exploração irracional e inicio das grandes poluições do ar, sonora, visual e do solo essas ações impensadas prejudicaram ao ser humano em sua saúde física e mental, causando doenças jamais vistas e com grandes epidemias levando o ser humano a ser predador de si próprio inconscientemente.

Problemas econômicos: começaram com as grandes investidas de conquistas territoriais, guerras, minérios de valor tangivelmente alto, exploração da mão-de-obra e incentivo a sociedade a crédito fácil e ao consumo demasiado; essas e mais coisas levam a problemas econômicos que desestabilizam a sociedade causando injustiça social e predominância dos que se enriquecem com esses problemas instabilidade econômica em longo prazo levava qualquer sociedade a caos.

Estamos atravessando a era do conhecimento, onde uma pessoa pode ter acesso aos mais diversos tipos de informação e ainda assim se despreocupar com o que acontece ao seu redor e em torno do mundo, parece que os fatos do momento não fazem sentido para o presente tão pouco para o futuro, a sociedade tem se ocupado com tantas coisas fúteis que esqueceram o que realmente é importante. Existe um medo que a próxima geração seja a mais irracional no sentido de saber o que é certo ou errado, do que é bom ou ruim.

Espera-se um despertar da atual geração no sentido de rever atitudes, comportamentos e principalmente no que tange a educação da futura geração, um comprometimento maior das mídias em ajudar nesse labor de ver um futuro melhor em vez de utilizarem os seus recursos para controlar a opinião pública estimular a sociedade em praticas que deterioram o ser humano aos poucos.

A sustentabilidade é o meio do qual o ser humano pode se reerguer e estruturar todo o seu ambiente, em vez de usar os recursos que o “atual sistema político e a mídia apoiam o cotadismo e aceitação de tudo que os privilegiam”. Mas sim as ferramentas do equilíbrio, do julgamento, da investigação, da ação, da certificação, dos indicadores que realmente não falseiam as informações, mas sim mostram de fato o que acontece com o nosso planeta, com as populações, com a distribuição de renda, alimentos e moradia com saneamento básico e direito preservado.

Ser sustentável é colocar a sustentabilidade em ação é explorar preservando é utilizar para reutilizar é conservar para que outros desfrutem. As organizações verificam isso com certo tardio e custos, mas poderá ser uma fonte lucrativa em longo prazo e uma forma de preservar a sociedade que necessita de consumir para viver. E preservar a natureza e seus recursos que geram energia, riqueza, vida a todos agrega sem duvida valor a empresas e comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRIA, Rosa. O futuro reinventa valores. In: LOUETTE, Anne (Org.) Indicadores de Nações: **uma contribuição ao diálogo da sustentabilidade**. São Paulo: WHH – Willis HarmanHouse, 2009.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GÜNTHER, Wanda Maria Risso. Poluição do Solo. In: PHILIPPI, Arlindo Jr; PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Ed.) **Educação ambiental e sustentabilidade**. 1 ed. Barueri, SP: Manole, 2005 – (Coleção Ambiental; 3).

MAXIMINO, Claudia. Livros empreendedorismo: bons exemplos. **PME EXAME**, v.48, s.n., p.90-91, abr. 2012.

MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. **Novos Estudos**, CEBRAP, v. 82, s.n., p. 57-66, nov. 2008.

RIVELLI, Elvino Antonio Lopes. **Evolução da legislação ambiental no Brasil**: políticas de meio ambiente, educação e desenvolvimento urbano. In: PHILIPPI, Arlindo Jr;

PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Ed.) **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005 – (Coleção Ambiental; 3).

VERGARA, Sylvia Contant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2009.